



A ARMA DE LOGÍSTICA

Luiz Geraldo Matheus Figueira

O Exército Brasileiro, no intuito de acompanhar a evolução das atividades militares e alcançar estágios mais avançados, vem procurando implementar a sua operacionalidade, modernizar sua estrutura administrativa, sem deixar de adaptá-las à organização, finalidade e peculiaridades. Dessa forma, consoante sua estratégia, está sendo orientado para a pronta resposta a uma guerra rápida, intensa e de curta duração, caracterizada por operações ofensivas maciças e de grande mobilidade. A doutrina e a instrução dão ênfase a essa forma de emprego, ressaltando a utilização dos princípios da surpresa, da massa, da manobra e da ofensiva.

Modernos sistemas de armas estão sendo distribuídos às organizações militares aumentando sen-

sivelmente a capacidade de combate da Força Terrestre. Para que toda essa engrenagem funcione com eficiência, é necessário ser dotada de um sistema logístico capaz de apoiar essa gama de recursos em operações de combate móveis e de alta rapidez.

Os registros militares estão plenos de numerosos exemplos de exércitos que foram batidos ou forçados a retrair-se devido à deficiência na organização de apoio logístico para o sustento das suas operações. Fica evidente, pois, a íntima ligação entre o apoio logístico e as operações de combate e deixa muito distante a imagem primitiva das colunas de suprimento hipomóveis de Canudos, quando da luta no agreste e árido sertão baiano.

Necessário se torna o estabe-

lecimento de uma estrutura real para o apoio logístico desde os tempos normais, pois não será sob pressão dos acontecimentos que ela será obtida em boas condições e alcançados os êxitos operacionais desejados.

As observações e sugestões encontradas no presente trabalho, são o resultado de pesquisas, vivência profissional e profundas reflexões relativas aos aspectos que envolvem o assunto. Podem servir de base quando da ativação da logística, na proporção da sua importância, e buscam demonstrar a necessidade de que o apoio logístico, hoje tão empenhado no combate, seja exercido por logísticos.

Atualmente, por inexistência de um efetivo próprio, a logística no Exército Brasileiro é tratada por pessoal desviado de outras funções, nem sempre treinados para o desempenho dessas modernas tarefas de apoio às operações. Seria, pois, mais benéfico a existência de um efetivo permanente destinado ao desempenho dessas atividades.

O fato de militares que prestam esse apoio não pertencerem a uma mesma Arma é, sem dúvida, um sério problema que deveria ser equacionado, sob pena de não se conseguir, nas novas organizações militares criadas e previstas (batalhões e grupamentos logísticos), o princípio da unidade e do indispensável espírito de corpo, tão desejado à eficácia buscada quando do emprego operacional.

Como ilustração, tome-se, na íntegra, dois aspectos citados pelo Comandante do 8º Batalhão Logístico, calcados em sua experiên-

cia e autoridade profissionais, na palestra que recentemente proferiu, durante a reunião dos integrantes da cadeia de suprimento e manutenção da 3ª Região Militar:

a. "O quadro de efetivo em oficiais existente (no 8º Batalhão Logístico) demonstra a diversidade de origens dos oficiais que servem no Batalhão, dificultando bastante a coesão e o desenvolvimento do espírito de corpo";

b. "a troca de nome visa a descaracterizar um pouco o fato de ser organizado com pessoal do Serviço de Saúde (idem, para o Serviço de Intendência e o Quadro de Material Bélico), diminuindo o espírito de Saúde, Intendência ou Material Bélico, e aumentando o de Batalhão Logístico".

Apropriando-se todas as potencialidades de cada um dos elementos voltados para o assunto, conseguir-se-á uma capacidade total que irá refletir a soma de todas as possibilidades, que é maior do que aquela correspondente a soma de cada um deles apoiando separadamente.

É a sinergia do esforço: se todos trabalharem juntos os resultados serão superiores aos que serão alcançados se todos trabalharem separadamente.

Sem dúvida, esse universo de pessoal militar deveria ser enquadrado por uma Arma, para que seus integrantes pudessem ombrear-se com seus companheiros, oriundos de mesma formação, em todos os aspectos gerais, desde a designação da sua função militar até o desempenho pleno de suas ativi-

dades profissionais, o que deixaria para trás o ranço da desigualdade nominal e valorizaria sua distinção operacional.

As controvérsias sobre o assunto foram o impulso, a motivação e o estímulo para o desenvolvimento desta modesta argumentação voltada para aguçar o interesse quanto à validade da criação da ARMA DE LOGÍSTICA.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LOGÍSTICA

a. Origem do Vocabulo Logística

Etimologicamente, a palavra "logística" pode ser tomada como derivado do grego "logistikos", vinculando-se a cálculos e à ciência dos números. Historicamente, foi citada por JOMINI em seu livro "A ARTE DA GUERRA - 1839", e dada como sendo derivada da designação de "Major General dis Logis", referente ao posto do oficial encarregado, no Exército Francês, de alojar as tropas, dirigir as marchas das colunas e colocá-las no terreno. A origem da palavra logística está, portanto, vinculada a números, cálculos e aspectos militares relativos às necessidades em campanha.

b. Emprego Militar do Vocabulo Logística

Tem sido consenso no âmbito militar o entendimento de que as ações de guerra estão divididas em três ramos:

— a estratégia, que planeja, prevê, prepara e orienta o emprego dos meios de guerra;

— a tática, que emprega realmente meios; e

— a logística, que os obtém e prevê.

Estes três segmentos distintos — a estratégia, a tática e a logística, devem estar intimamente ligados, desenvolvendo-se contínua e paralelamente para que possa ser alcançado o êxito nas operações.

Dessa forma, a logística está conceituada como um ramo da arte da guerra, em igualdade com a estratégia e a tática, incorporando-se à terminologia militar como fornecedora dos recursos essenciais à continuidade do combate. Este conceito foi admitido por um autor francês focalizando a importância do assunto, alguns anos após a derrota de Napoleão Bonaparte, quando a Inglaterra e a Prússia obtiveram e mantiveram a supremacia militar.

c. A Logística na Doutrina Militar

O emprego da Logística nos regulamentos e manuais militares está ligado ao Exército Italiano, quando da campanha da Abissínia. A logística foi, então, conceituada como sendo um conjunto de medidas destinadas a fornecer os meios de campanha para uma tropa existir, subsistir, marchar e combater.

Contudo, a difusão mundial da logística como parte de uma doutrina militar, deveu-se ao Exército Norte-Americano, durante e após a 2ª Guerra Mundial, que a definiu como o "conjunto de atividades relativas à previsão e à provisão de todos os recursos necessários às

realizações da guerra". Naquela oportunidade, os Estados Unidos da América forneceram a maioria dos recursos de guerra, bem como as instruções para o seu emprego às nações aliadas, praticamente condicionaram que as mesmas assimilassem parte da sua doutrina e terminologia militar, principalmente no que tange à logística.

Após o término da guerra, foram firmados acordos e pactos militares que tiveram como principal parceiro os Estados Unidos da América, cujos materiais e manuais doutrinários foram mais difundidos devido às suas necessárias utilizações. Daí, a logística ter sido incorporada à terminologia e à doutrina, em vários exércitos, como atividade militar.

d. A Logística no Exército Brasileiro

A Força Expedicionária Brasileira, no último conflito mundial, participou como força aliada e não fudiu à regra, não organizou um sistema próprio de apoio e foi apoiada com os meios da grande potência ocidental.

Passado o período de guerra, como já foi observado, o material recebido em decorrência do acordo militar, passou a ser utilizado e os manuais americanos traduzidos foram adotados na instrução. Era uma nova mentalidade difundida e apropriada rapidamente pelo Exército Brasileiro, que incorporou, também, a logística como termo militar e como atividade componente da sua doutrina.

Para melhor atender as suas características o Exército Brasileiro, doutrinariamente, passou a utilizar um sistema misto de apoio: por serviços técnicos, na cúpula, como está organizada a Força Terrestre e por atividades funcionais, na base, para conseguir maior operacionalidade e economicidade, cabendo à Região Militar, já estruturada em nosso território e situada no meio da cadeia, efetuar essa transformação (Port 023-EME, de 20 Mai 77), de forma que seja fácil e rápida a evolução dos modelos de paz para os de guerra.

Em caso de guerra, a Região Militar deve prover o Comando de Apoio Administrativo da Força Terrestre e do Teatro de Operações Terrestre (CAATER); com isso, pode-se verificar que o apoio logístico no Teatro de Operações Terrestre é realizado pelo sistema de atividades funcionais.

Deve-se levar em conta, também, que os serviços técnicos, ainda existentes no Exército Brasileiro, frutos da Missão Francesa, atuavam de forma independente até o nível Divisão, dispondo de organizações militares e chefias de serviços próprios.

Já na 2ª Guerra Mundial, o emprego de modernas armas, sofisticados equipamentos e as perspectivas de um rápido desenvolvimento tecnológico trazendo no seu bojo fatos novos, geraram consequências imediatas nas atividades militares.

As reais necessidades para a prestação do apoio logístico, devido a isso, descaracterizaram os ser-

viços técnicos como sistemas independentes, e essa forma de prestação de apoio foi considerada deficiente, principalmente em se tratando de sistema de armas e apoio às operações.

Por outro lado, foram verificadas as vantagens apresentadas pelo sistema de atividade funcional, que evita a dispersão de meios, centraliza os esforços e permite atender uma operação ou um plano específico de modo integrado e é, também, uma resposta ao problema da carência dos recursos disponíveis.

Com a reorganização do Exército Brasileiro na década de setenta, foram apropriados esses conceitos sobre a concepção do apoio logístico, observada, ainda, a necessidade de apoiar eficazmente os limitados meios de emprego militar, suprindo, mantendo e transportando o mais rapidamente possível. Ficou evidenciado, então, a conveniência de integrá-los em unidades de logística, reunindo as atividades de suprimento, manutenção, transporte, e serviços, de modo a obter-se a buscada eficiência operacional, a desejada economia de meios e funcionalidade na prestação do apoio.

Presentemente, a logística foi absorvida como um dos campos do apoio administrativo, juntamente com os campos de pessoal e dos assuntos civis. As atividades de logística militar são as relativas à previsão e à provisão de meios materiais e serviços necessários às Forças Armadas, na paz e na guerra. Essas atividades estão classificadas em suprimento, manuten-

ção, transporte, saúde e construção.

A atividade de saúde é bem definida; o seu desempenho devido às suas peculiaridades, desenvolve-se, na maior parte das vezes, paralelamente ao sistema logístico e é realizado integralmente pelo Serviço de Saúde cujo nome se confunde com o da atividade funcional. Esta atividade envolve, também conhecimentos específicos adquiridos fora dos estabelecimentos de ensino do Exército e estaria mais corretamente vinculada ao campo do pessoal.

A atividade de construção é também bem definida, e no Exército Brasileiro o seu desempenho é realizado pela Arma de Engenharia. A diferenciação da atividade de construção logística (apoio administrativo) e de combate (apoio ao combate) é muito difícil de ser estabelecida.

As atividades de suprimento, manutenção e transporte vêm sendo efetuada por diversos elementos da instituição, sem uma precisa definição das esferas de atribuição. Esta improvisação não atende as reais necessidades operacionais da Força Terrestre, pois estas atividades exigem para o seu desempenho, pessoal adequadamente treinado e motivado.

As atividades de suprimento, manutenção e transporte vêm sendo efetuada por diversos elementos da instituição, sem uma precisa definição das esferas de atribuição. Esta improvisação não atende as reais necessidades operacionais da Força Terrestre, pois estas atividades exigem para o seu desempenho, pessoal adequadamente treinado e motivado.

e. Conclusões Parciais e Situação Atual

O vocábulo logístico está intimamente vinculado a números, cálculos, efetivos, administração e aspectos militares relativos aos

recursos necessários à guerra. Ele tem maior significação militar do que os vocábulos administração e serviços, quando se refere às atividades que proporcionam o apoio de recursos às forças em operações. Essa conceituação extravasou do campo puramente militar e é tida no meio civil como um conjunto de atividades relativas à previsão e à provisão dos meios necessários à realização das ações impostas por uma política de atuação.

O vocábulo logística já é, também, termo firmado e consagrado na terminologia militar mundial e brasileira e considerada atividade indispensável a qualquer esforço de guerra. A logística, assim como a estratégia e a tática, está inserida na arte da guerra e utiliza os princípios de administração para atingir sua finalidade bélica; portanto, a palavra logística não é sinônimo de administração. Esse termo militar tem um sentido concreto, abrangendo as atividades e as operações tangíveis de previsão e de provisão de recursos para o apoio às forças militares.

O Exército Brasileiro está implantando um modelo para prestação de apoio administrativo em tempo de paz, cada vez mais próximo daquele que será exigido em tempo de guerra, a fim de minimizar os problemas advindos de estruturas organizacionais díspares, quando da evolução de uma situação para outra. Este modelo quando acionado deve estar em condições de pronto emprego, e possuir alto grau de confiabilidade.

A adequação do Comando de

Região Militar ao sistema de apoio adotado, a criação e a implantação dos Parques Regionais de Manutenção, o empreendimento MORRETES reunindo diversos depósitos sob um comando único do suprimento, a existência dos Batalhões Logísticos e a previsão dos Grupamentos Logísticos da Região Militar, parecem tornar irreversível a atual estrutura de apoio logístico.

ASPECTOS DOUTRINÁRIOS

Nos campos de batalha é que se impõe a vontade do vencedor sobre o vencido. Aos militares participantes das batalhas estabeleceu-se chamá-los de combatentes, e as organizações que os enquadram são chamadas de Armas. Contudo, elas necessitam de apoio para o desempenho de suas missões, para a realização das suas manobras. Os elementos que prestam este apoio aos combatentes são caracterizados pelos nomes de apoio ao combate e apoio administrativo. Aqueles que realizam o apoio ao combate é estendido o conceito de Arma e aos que prestam o apoio administrativo, caso dos logísticos, é dado o nome de Quadro de Serviço.

São denominadas Armas-Base as que travam o contato direto com o inimigo e realizam a manobra. A Infantaria e a Cavalaria são consideradas Armas-Base.

Estas, devido às suas próprias características de atuação, sofrem limitações quanto à potência de fogo, à facilidade de movimento, ao exercício de comando, à permanência e ao desenvolvimento do

combate e devem ser supridas por outros elementos chamados de apoio. Atualmente, o Exército Brasileiro considera como Armas de Apoio a Artilharia, a Engenharia e as Comunicações, que executam respectivamente o apoio de fogo, de movimento e as ligações necessárias para o exercício do comando. Quanto àqueles que executam as ações para permanência e para o desenvolvimento do combate, também intrinsecamente ligados à operacionalidade, ao durar na ação, são tratados por Quadro ou Serviço.

O conceito serviço está voltado para o apoio administrativo, isto é, "o conjunto de atividades nos campos do pessoal, da logística e dos assuntos civis, que visa a proporcionar os recursos e serviços necessários às organizações e forças militares, quaisquer que sejam as situações em que as mesmas possam encontrar-se".

Segundo os glossários de termos militares (FA-E-02 e C 20-320), conceituam-se os serviços como:

- 1) "ramo ou órgão de uma força armada cuja missão precípua é proporcionar o apoio administrativo";
- 2) "setor de uma unidade ou organização militar incumbido de auxiliar o comandante no desempenho de suas funções administrativas"; e
- 3) "ato ou efeito de executar tarefas ou incumbência periódicas ou de atender uma exigência de caráter geral".

Está definido, também, que os serviços administrativos executam as atividades do campo do pessoal

e os serviços técnicos as atividades do campo da logística.

Observa-se ainda, que excetuando-se as Armas-Base, que têm a característica própria de realizarem plenamente a manobra (fogo, movimento e ação de choque), as Armas de Apoio ao Combate e os Serviços atuam em áreas e campos superpostos, particularmente no campo da logística, quando não se tratar de apoio por atividades funcionais.

A ajuda operacional fornecida a elementos ou forças em combate, tomando-se a palavra operacional como um termo genérico, normalmente empregado para caracterizar a relação com a operação, não é privilégio das Armas de Apoio ao Combate.

É plenamente justificável o enfoque de que a logística apoia operacionalmente as forças combatentes, que representa parcela considerável do seu poder de combate e que lhes permite manobrar. Cabe à logística realizar as atividades de suprimento, manutenção e transporte, a fim de facilitar a potência ofensiva, ampliar o esforço defensivo e possibilitar a necessária mobilidade da tropa em campanha.

Como conclusão parcial, podemos dizer que sob o enfoque doutrinário, ainda que sumário, parece ser a logística uma Arma de Apoio ao Combate, se adotado o mesmo critério de ajuda operacional aos elementos de manobra.

A IMPORTÂNCIA DA ARMA DE LOGÍSTICA

Ressalte-se, nesse ponto, a necessidade de se considerar o apoio

logístico como um indispensável apoio ao combate, que deve ser proporcionado às Armas-Base em consonância com o apoio de fogo, o apoio ao movimento e o apoio de comunicações.

A logística faz o apoio de recursos para possibilitar o desenvolvimento e a continuidade das operações, sem o que estará sensivelmente diminuída a capacidade de durar na ação e aumentadas as vulnerabilidades das tropas empregadas. Para a consecução desse apoio às operações ela participa da realização da manobra, característica das demais armas, realizando a manobra logística.

Para esse tipo de manobra, cada vez mais se acentua a necessidade de defesa e preservação das instalações e do fluxo logísticos, que são objetivos altamente compensadores para as ações do inimigo. Esse plano de manobra compreende: a definição da missão, a localização das instalações, a composição de meios, a previsão e a oportunidade dos deslocamentos, o alcance do apoio, os limites inicial e posterior da área de responsabilidade, a oportunidade das mudanças, a seleção dos eixos de suprimentos, as soluções alternativas, a defesa da área de retaguarda (DEFAR) e o controle de danos (CD).

Depreende-se, pois, a relação do apoio logístico com os existentes apoios ao combate, efetuados em todos os níveis.

Como exemplos, a Brigada de Infantaria Motorizada tem características próprias de autonomia com seus meios orgânicos, a unidade leva consigo uma quantidade

limitada de tiros e o combatente está protegido com o capacete, a roupa e o calçado; contudo, têm de ser providos no decorrer do combate, sem o que, a brigada não cumprirá a missão, a unidade perderá a sua potência de fogo, e o combatente não terá a indispensável proteção oferecida pelo equipamento e vestuário.

Na verdade, o homem e o material necessitam ser transportados, assistidos, supridos e mantidos durante todas as fases das operações.

Se já não bastasse o que a História nos relata de guerras anteriores, o recente conflito bélico das Malvinas ressaltou, mais uma vez, a importância transcendental da logística no tocante às operações, posto que o insucesso argentino esteve intimamente ligado com a organização do seu apoio logístico.

O bloqueio naval imposto pelos ingleses cortou o cordão umbilical de sustento da força argentina que passou a ter dificuldades para subsistir com os recursos locais, durar na ação e dar continuidade aos combates.

Elementos de Armas-Base e de Apoio ao Combate foram desviados de suas funções para improvisarem um comando logístico na área conflagrada, não atingindo a eficiência desejada no apoio e desfalcando o efetivo disponível para o emprego adequado.

Negada, então, a íntima ligação entre o apoio logístico e as operações de combate, os argentinos perderam a capacidade de manter as ações bélicas, passando a ser

questão de tempo a sua permanência na guerra.

A desorganização do apoio logístico argentino, contribuiu ainda para destacar outros indicadores da importância da Arma de Logística. Os fatos citados a seguir, certamente não teriam sido observados se fosse dada a devida importância à logística:

1) a falta de munição e combustível, na oportunidade;

2) a carência de ração quente e a inadequação dos enlatados sujeitos ao congelamento;

3) a dependência externa do material;

4) a escassez de peças de reposição dificultando, e em certos casos impossibilitando as atividades de manutenção;

5) a insuficiência dos meios de transporte limitando a mobilidade da força e o fluxo de apoio;

6) a incompatibilidade do vestuário e do equipamento individual ao ambiente e ao emprego operacional, limitando os movimentos, causando o desconforto, o surgimento de queimaduras provocadas pelo frio, e, inclusive, o endurecimento do mal conhecido como pé-de-trincheira, que pode ocasionar até a amputação da extremidade afetada; e

7) a inexistência de água potável, que, dependente, também, do bastecimento continental, passou a se constituir em suprimento crítico.

Todos estes aspectos contribuíam para limitar o moral do combatente, já inferiorizado em meios, prejudicando a sua eficiência no cumprimento das missões. Este

quadro, por si só, empresta à atuação do apoio logístico a exata dimensão da sua importância para a operacionalidade da tropa.

Existe porém um outro fator resultante de considerações subjetivas, sempre presente e de real valia para o desenvolvimento do assunto que estamos tratando, que é o fato de ser conferida a denominação de Arma à organização que deverá enquadrar os militares que desempenharão as atividades logísticas.

É evidente que não será puramente pela diferença de denominação (Arma, Quadro ou Serviço) que ficará reduzida a importância da logística para as operações militares. Sua organização, seu emprego e sua finalidade, não serão menores com o nome com o qual venha a ser definitivamente consagrada. Se assim o é quanto ao mérito, o mesmo não se pode afirmar quanto à ressonância social da escolha da denominação. As palavras, como os fatos, têm às vezes uma conotação, uma imagem que não é lógica nem real, mas que é a sua roupagem. É a dimensão social que deve ser considerada e que é decorrência de critérios oficiais e de tradição.

Tal é o caso das palavras Quadro e Serviço. Com elas representamos os elementos que prestam apoio aos combatentes, mas que não são vistos como reais combatentes, numa profissão cuja razão de ser é o combate e no qual é patente a sua operacionalidade. Aí se verifica uma hierarquia de valor, de critério meramente pessoal, que não deve ser subestima-

do, porque, atualmente é muito difícil de perceber o limiar entre quem é combatente e quem não o é. Este critério pessoal pode conduzir à predisposição e ao preconceito de quem tem o poder de decidir.

Para o militar a palavra Arma, designando uma subdivisão da Força Terrestre, tem o dom de despertar no homem o guerreiro existente de modo latente em cada um, por lembrar feitos de vultos heróicos. Em resumo, o que na realidade existe é uma escala de preferência e de valor entre Arma, Quadro e Serviço, com uma dimensão social de todos conhecida.

É oportuno assinalar que as palavras quadro e serviço, nada despertam psicologicamente no homem, a não ser a sensação de pertencerem a algo indefinido, e é lícito recordar que o fator psicológico é dos mais importantes para o desenvolvimento do espírito de corpo, para aguçar o sentimento de orgulho em cada soldado e mais particularmente para o moral, seja do homem, de uma unidade, grande unidade ou da própria Força Terrestre. Assim sendo, indubitavelmente, há de se considerar a Logística como Arma de Apoio ao Combate.

Finalmente, a conhecida divisão da Força Terrestre em Armas, Quadros e Serviços tem, presentemente, muito mais de tradicionalismo do que de funcionalidade. Entretanto, pode-se adotar para a Logística o mesmo critério operacional utilizado para classificar a Artilharia, a Engenharia e as Comunicações como Armas de Apoio.

É válido supor-se que não há dificuldade em conciliar a idéia presente de Logística como um corpo de oficiais e praças combatentes.

As funções técnicas existentes são inquestionavelmente indispensáveis e alguém tem que exercê-las para que a organização funcione; é conveniente, porém, que a instituição se preocupe em utilizar os seus poucos recursos disponíveis, da forma a mais racional possível, tanto para aumentar a eficiência do apoio bem como a operacionalidade da tropa.

O atendimento a estas observações e às modificações estruturais decorrentes da implantação do sistema de apoio por atividades funcionais, que busca um resultado global, centralizando e agrupando as atividades afins dispersas e exercidas por diversos elementos da força, impõem uma formação diferente dos quadros, quer de oficiais quer de praças; um efetivo voltado para o desempenho logístico, de modo a mobiliar o Exército Brasileiro de elementos aptos à realização deste apoio.

Isso só será possível se os recursos humanos alocados para o desenvolvimento e execução dessas atividades possuírem mentalidade de apoio, formação logística, espírito de corpo, comunhão de interesses, e união em benefício do cumprimento da missão, bem como entenderem sua real importância e não considerarem subalterno o nobre desempenho das missões de apoio. Para isso, é fundamental que as atividades logísticas sejam desempenhadas por logísticos.

O enquadramento baseado na Arma de Logística, contribuirá para motivar e estimular o emprego funcional, atenderá um anseio sócio-militar, dignificará a carreira, definirá a responsabilidade pelo desempenho de missão específica operacional e reconhecerá o enorme valor do apoio logístico, contínuo e oportuno, ditado pela demanda do emprego em operações bélicas e, mais ainda, estimulará interesse e contribuirá para a sua aceitação, motivando a procura e escolha pelos militares, o que, certamente, melhorará a qualidade dos elementos que nela vão ser formados, para o posterior desempenho das missões inerentes a esse campo do apoio administrativo.

CONCLUSÃO

A Logística, componente da arte da guerra, deve ser conceituada como um conjunto de atividades de apoio ao combate, que visa prover e prover os recursos indispensáveis às organizações militares, em função das suas necessidades operacionais e segundo a doutrina militar. Esse conceito é válido, mesmo em situação normal de

paz, uma vez que, a simples existência de uma organização militar decorre da presunção de seu emprego em operações de guerra.

O reconhecimento da condição de combatente ao logístico é o clamor natural daqueles que, em operações, realizam as atividades de suprimento, manutenção e transporte, necessárias à efetivação e ao prosseguimento do combate.

A criação da ARMA DE LOGÍSTICA está, pois, a merecer atenção especial de nosso Exército.

FONTES PESQUISADAS

1. VILLANOVA, JOÃO LUIZ DE AZEVEDO, *Cel Int QEMA* e GIGANTE DE CASTRO, CARLOS ALBERTO, *Ten Cel R/1 Int*. Um Quadro de Logística para o Exército? A Defesa Nacional, Mar/Abr 78, Rio de Janeiro.
2. NOGUEIRA, JORGE CARDOSO, *Cel Inf QEMA*, Material Bélico: Quadro, Serviço ou Arma? A Defesa Nacional, Mai/Jun 79. Rio de Janeiro.
3. GLOSSÁRIOS DE TERMOS E EXPRESSÕES MILITARES. (FA-E-02 e C 20-320).



O TenCel Int QEMA Luiz Geraldo Matheus Figueira foi promovido ao posto atual em 30 de abril de 1981. Possui os cursos da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAo), de Técnica de Administração (CEP), da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Exerce atualmente a função de Adjunto da Seção de Doutrina, da 3ª Subchefia do Estado-Maior do Exército.